

DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE “CUNHATAÍ: UM ROMANCE NA GUERRA DO PARAGUAI”, DE MARIA FILOMENA BOUISSOU LEPECKI

Adriely Barbosa de Oliveira¹

RESUMO: O romance “*Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*” é um texto da literatura regional, de autoria feminina, que narra os feitos de um povo que não eram vistos na história oficial da Guerra do Paraguai, onde personagens como mulheres, escravos e indígenas vistos à margem figuram nesse romance de Maria Filomena Bouissou Lepecki. Guerra ocorrida entre 1865 a 1870, que foi marcada pela morte de quase todo povo guarani. Maria Filomena utiliza a guerra como pano de fundo para o romance de Micaela e Ângelo, um espião paraguaio na tropa brasileira, que por sua vez, é o elemento que desencadeia toda a narrativa. Trata-se de um texto flexível e que leva o leitor a se questionar e discutir as fronteiras entre história e ficção, não identificando a delimitação de fronteiras entre ambas. Dessa forma buscou-se destacar os aspectos históricos-ficcionais presentes na obra, bem como os fatos e personagens tanto históricos quanto personagens se confundem. Outro aspecto analisado é a presença da figura feminina em um ambiente destinado ao mundo masculino: “A guerra”, apontando sua importância nesse conflito sangrento, retirando-as do silêncio por sua condição de mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Romance histórico.

ABSTRACT: The novel "*Cunhataí: una novela de la guerra del Paraguay*" is a text of regional literature, of female authorship, that narrates the events of a people that were not seen in the official history of the war of Paraguay, where characters such as women, slaves and indigenous people seen on the margin figure in this novel of María Filomena Bouissou Lepecki. The war occurred between 1865 and 1870, which was marked by the death of almost the entire Guarani people. María Filomena uses the war as a backdrop for the novel of Micaela and Ángel, a Paraguayan spy in the Brazilian army, who in his turn is the element that triggers the entire narrative. It is a flexible text that leads the reader to question and discuss the boundaries between history and fiction, not identifying the delimitation of boundaries between both. In this way, it sought to highlight the historical-fictional aspects present in the work, as well as the facts and characters, both historical and characters that get confused. Another aspect analyzed is the presence of the female figure in an environment destined to the male world: "The war", pointing out its importance in this bloody conflict, removing them from silence for their condition of woman.

KEY-WORDS: Literature; History; Historical novel.

Introdução

O acontecimento da Guerra do Paraguai, também chamada de Tríplice Aliança, ocorreu no contexto do Brasil imperial, sob o governo de Dom Pedro II, no ano de 1864 a 1870, sendo então, cinco anos de guerra. Ocorrida em território sul-americano, onde o Paraguai lutou contra o Brasil, Argentina e Uruguai, que resultou na morte de milhares de pessoas. De acordo com Salles (1990, p. 34), a guerra iniciou-se quando o ditador Solano López sequestrou o navio brasileiro Marquês de Olinda, que navegava em águas paraguaias. Mas a principal causa da guerra, apontada por muitos pesquisadores, era a ambição do presidente paraguaio, Solano López, que queria encontrar uma saída para o

¹ Mestranda em Literatura Sociedade e História da Pós-Graduação do Mestrado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. adrielybrv@gmail.com

Oceano Atlântico e assim tornar o Paraguai uma grande potência. O Paraguai prosseguia com os ataques, e o Brasil, a Argentina e o Uruguai foram impulsionados a selar o acordo no dia 1º de maio de 1865, para então combaterem e enfrentarem juntos o país adversário. Dentre muitas batalhas, algumas acontecem em terras que hoje pertencem ao estado de Mato Grosso do Sul, nos atuais municípios de Bela Vista, Antônio João, Nioaque e Guia Lopes.

Cunhataí, por ser um romance histórico, nos apresenta como cenário a guerra do Paraguai, desde a marcha de suas tropas, os lugares percorridos, a participação dos homens, não nos esquecendo da presença feminina em território masculino; a guerra, lá empenhando diversos papéis e tendo Micaela, uma aventureira, como sua protagonista. *Cunhataí* proporciona diversas emoções ao leitor, assim a autora ao escrever essa obra exerceu um trabalho minucioso, que é retratar os ambientes de maneira detalhada, para que o leitor sentisse as emoções que cada ambiente oferecia. Seu propósito pretendido é de questionar os relatos tradicionais da historiografia oficial e assim revê-los por meio da ficção, por isso é considerada uma “metaficção historiográfica”, segundo (HUTCHEON, 1991), pois é uma narrativa autorreflexiva, isto é, narrativa que recupera figuras marginalizadas, desprezadas pelas narrativas hegemônicas.

Assim, nosso objetivo com o objeto de estudo em questão é explorar o diálogo entre a ficção e a história presentes na obra, apontando como as duas se complementam na construção do romance, bem como resgatar e abordar a figura feminina em ambiente predominantemente masculino e, utilizaremos como suporte teórico o escritor Francisco Doratioto com seu livro *Maldita Guerra* (2007), Antonio Roberto Esteves com *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (2010), Linda Hutcheon com *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção* (1991) Georg Lukács com seu livro *O romance histórico* (2011), Heloisa Costa Milton com sua tese de doutorado *As histórias da história* (1992) Maria tereza Garritano Dourado (2007), entre outros.

1 Para início de conversa

A guerra do Paraguai foi tratada por alguns autores, segundo Pernidji & Pernidji (2003), como a “A guerra esquecida”, também considerada como “A Grande Guerra”, por Doratioto (2007), que por sua vez, segundo o autor, foi a maior intervenção militar brasileira em solo estrangeiro, o mais longo conflito armado da América do Sul e uma das mais bárbaras do mundo. Guerra que, por sua vez, devastou o povo paraguaio. Já o

Brasil ganhou a guerra e conquistou seus direitos, mas ficou com sua economia abalada, que com o aumento da dívida externa com a Inglaterra, também aumentou a insatisfação dos brasileiros com o governo imperial, motivo pelo qual fez com que acontecesse a Proclamação da República.

O romance histórico em estudo de Lepecki: *Cunhataí*, se passa no ano de 1865, no qual o pano de fundo é a Guerra do Paraguai, tendo como personagem principal uma jovem sinhazinha corajosa e aventureira, Micaela Ferreira Lima, que se apaixona e casa com Ângelo Zavirria de Alencar, soldado brasileiro, mas naturalizado paraguaio, um verdadeiro espião, pois se alista no exército brasileiro a fim de levar informações a Solano Lopez. Lepecki exerceu um trabalho de pesquisa com grande riqueza nos detalhes, como por exemplo da descrição do território geográfico pelo qual ocorreram as batalhas, na presença de personagens ficcionais e reais da historiografia durante todo o percurso da obra, bem como nas características físicas, sociais e psicológicas dos personagens que participam da obra.

Cunhataí é dividida em três partes, sendo divididas em: o Caminho com 17 capítulos, o Território, também com 17 capítulos e a Guerra com 20 capítulos. Cada parte é de extrema importância para compreensão dos acontecimentos da Grande Guerra, bem como perigos enfrentados e caminhos percorridos pelos personagens reais ou ficcionais. A presença feminina é evidenciada, principalmente com a participação de Micaela, uma jovem corajosa que se casa com um espião paraguaio infiltrado no exército brasileiro.

2 O diálogo entre história e literatura

Desde a Grécia Antiga tem-se discutido muito sobre os campos de atuação da Literatura e da História. Aristóteles separou esses dois campos, dizendo que cabe a história à verdade dos fatos e à literatura a verossimilhança, porém esse divórcio não deu muito certo, pois a literatura se ocupa da ambiguidade e, por isso as suas verdades são subjetivas. Autores discutem sobre a relação entre literatura e história. Afirmando que a primeira é definida por uma realidade demarcada de um mundo subjetivo e que pode ser transportada para um mundo possível, já a segunda, se vale de objetos concretos, ou seja, da realidade de forma efetiva. Roland Barthes (1988, p. 154) diz que a história e a literatura se opõem completamente porque a história se compromete com a verdade conforme a visão do historiador e já a literatura carrega em si o discurso ficcional, ou

seja, a verossimilhança. Já Maria Teresa de Freitas (1989), aponta que a história e o romance frequentemente se confundem, ambos se mesclam que a distinção é quase que impossível. Essa mescla é chamada de hibridismo por Bakhtin (1990), mas que para ele, literatura e história não se misturam, e sim, dialogam, pois para ele, mesmo que o romance seja sustentado por fatores históricos, ele não deixa de ser um romance. Antonio Sérgio Ferreira, em seu artigo, cita Hucheeon, que por sua vez, aborda que

Naturalmente, a história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis. [...] Não surpreende que tenha havido coincidências de preocupações e até influências recíprocas entre os dois gêneros. No século XVII, o núcleo desses pontos em comum em termos de preocupação inclinava-se a ser a relação entre a ética (não facticidade) e a verdade na narrativa. (FERREIRA *apud* HUTCHEON, 1991, p. 143)

E ainda considera como metaficção historiográfica porque diferentemente de Lukács, ela valoriza os marginalizados, os periféricos e até personagens que se diferem do registro histórico, isto é, considera que “A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção”. “Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade”(HUTCHEON, 1991, p. 127), pois para a autora tanto história quanto literatura são construídos por meio de discurso. Logo o discurso da história pode ser inventado por um autor, isto é, de acordo com sua perspectiva, assim nos causando indagações sobre a história, que por sua vez, estuda o passado, e por isso Mariane de Jesus (2013) cita Pesavento, que explica, em seu ponto de vista, o que seria a história

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (NASCIMENTO *apud* PESAVENTO, 2003, p. 58-59)

Afirma como ficção:

[...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que do aqueles permitidos ao historiador.[...]Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ter nela é a representação que ela comporta[...]o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995 p. 117)

Parafrazeando Pesavento (2003) dizemos então que, “ A literatura permite o acesso de uma determinada época, mostrando a maneira de como as pessoas pensavam o mundo e a si própria, bem como medos, anseios, etc, ademais dá a sensibilidade e aguça a imaginação.

Sendo assim, em conformidade com a autora podemos inferir que a história e a literatura são constructos discursivos, que almejam representar as experiências vividas por homens em uma determinada época. Para Pesavento (2003, p. 81), tanto uma como a outra são formas de representar as inquietações do ser humano, ou seja, sempre estão em busca de verdades. Considera-se a narrativa subjetiva, por isso pode abordar o verossímil, diferentemente do historiador que busca o que de fato aconteceu, ela busca o que poderia ter acontecido, e enxergar o que a grande maioria não conseguiu.

3 Sobre o romance histórico: origem e trajetória

Segundo Mikhail Bakhtin (1990, p. 110) o romance é híbrido porque nele há duas vozes, mas que são dois pontos que não se misturam, mas sim dialogam em construção discursiva. Assim como Esteves (2011, p. 30) afirma que o romance histórico é um gênero híbrido, surgido de um processo de combinação entre história e ficção.

Os primeiros estudos sobre esse gênero híbrido vêm de Walter Scott, que dizia que o romance histórico é como epopeia da burguesia, de modo que evidencie a história, mas que o comportamento dos indivíduos da época. Georg Luckács é seguidor de Walter Scott e escreve *O romance histórico* entre 1936 e 1937, mas que para Luckács esse romance é a epopeia da vida popular, pois não há mais a presença da mitologia nessa obra, tampouco heróis que representavam sua nação, e sim, havia pessoas comuns. Uma das principais preocupações no surgimento do romance histórico era a de manter equilibradas a fantasia e a realidade.

De modo geral, notamos que o romance histórico, desde seu surgimento sempre está em transformação, mesmo seguindo o modelo de Scott, onde ele diz que para ser romance histórico é necessário um pano de fundo, com figuras históricas para fixá-las na época narrada, bem como conter um trama ficcional, geralmente problemático e que seu desfecho fosse trágico.

Já nas obras pós-modernas essa relação de história e literatura toma outros rumos. Hutcheon, (1991, p. 127) chama de *metaficção historiográfica*. Ela recusa a visão

de que só a história tem a pretensão à verdade. Para ela não existe apenas uma verdade como sendo única, mas sim várias Verdades no plural, ou seja, verdades diversas. Ainda afirma que a *metaficção historiográfica* “se aproveita de verdades e mentiras do registro histórico” (HUTCHEON, 1991, p. 152), podendo então “brincar” com os registros históricos.

4 A configuração da personagem feminina em *Cunhataí*

Em *Cunhataí*, Lepecki retrata de maneira singular a guerra do Paraguai, enfatizando a presença feminina nesse universo completamente masculino, que sempre foi destacado pela historiografia oficial; a guerra da tríplice aliança, guerra esquecida ou maldita guerra, foi o espaço pelo qual foi inserido diversas mulheres nessa narrativa, que apesar de serem silenciadas por fontes historiográficas, participaram e ativamente desse conflito bélico, desde antes, durante e também no pós-guerra, assim como diz o prefaciador Jérri Roberto Marin, do livro *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na guerra do Paraguai*, da autora Maria Teresa Garritano Dourado (2005), onde diz

que as mulheres formavam um exército invisível, pois iam na retaguarda ou ao lado, e que davam suporte imprescindível aos militares e civis. Muitas se deslocavam, com extrema habilidade, nas frentes de batalha mais perigosas para socorrer os feridos, levá-los aos hospitais de sangue ou para levar refeições aos soldados.[...]Eram milhares, de várias nacionalidades, e estavam presentes em todo o conflito.

Em diálogo com Dourado (2005) podemos afirmar que a figura feminina sempre foi discriminada. Não tendo os mesmos direitos que o homem e, na guerra não seria diferente, pois as mulheres, mesmo acompanhando seus filhos e maridos, eram obrigadas a carregar a pé seus pertences. Por esse motivo tinham sempre que estar à retaguarda do exército, ademais prontas a servi-los em que fosse necessário.

Lepecki nos dá o privilégio de olhar a guerra à luz dos marginalizados, dos excluídos, dos silenciados, considerados como subalternos para Achugar (2006) e Spivak (2010), colocando em evidência a figura feminina à frente, com voz e protagonista. Que procura explicar a história por meio da literatura, que por sua vez, é verossímil. Assim, com sua subjetividade, nos dá brechas para enxergar tal conflito por outra vertente.

Cabe a Micaela, a heroína do romance histórico, exercer um papel de grande importância, ou seja, dar voz a esse grupo que fora omitido pela historiografia, e que

sabemos, de fato, que essa e outras histórias foram construídas por homens, com discursos e visões masculinas, identificando que tanto história quanto literatura são constructos discursivos, e por isso manipulados.

As obras ficcionais podem ser lidas ou por entretenimento, destinadas ao leitor ingênuo, ou para “ler” a sociedade e refletirmos acerca de questões sociais, papel do leitor especialista, sendo uma fonte documental para então pensar a história. *Cunhataí* é uma obra que reflete sobre a presença da figura feminina em universo masculino: A guerra. Mulheres que tiveram sua presença abafada, silenciada pela historiografia oficial sua existência e fundamental participação ativa nas tropas exércitas.

A historiografia aponta apenas nomes de mulheres que tinham a figura do marido como oficial de alguma tropa, eram exemplares e por isso reconhecidas, não por sua bravura, astúcia, determinação e fidelidade, mas sim como seres inferiores, subalternos, onde sua presença eram apenas de servir o homem no que precisava em um ambiente tão hópito, que era a guerra. Na obra em estudo nota-se a figura feminina como um verdadeiro exército, desempenhando diversos papéis. Tais mulheres não sentiam medo, pois quando seus companheiros de exército caíam no chão ferido, rasgavam suas saias para fazerem ataduras, ou quando morriam, rapidamente seguravam sua arma e atiravam em direção ao inimigo. Também desempenhavam o papel de enfermeira em hospitais de sangue². Uma mulher que foi à guerra e ficou conhecida nacionalmente foi Ana Justina Ferreira Néri, viúva de Isidoro Antonio Néri, um capitão de fragata. Dourado (2005, p. 87) afirma que Ana Justina Ferreira Néri, por ajudar os combatentes brasileiros em sua casa, ficou conhecida como “mãe dos brasileiros” e, que, ao morrer teve seu nome dado á uma escola de enferagem instalada no Brasil.

Dionísio Cerqueira (1948, p. 3) também relata em “Reminiscências da Campanha do Paraguai”, a presença da figura da mulher na guerra, dizendo:

“Estas mulheres não tinham medo de coisa alguma. Iam às linhas avançadas mais perigosas, levar a comida aos maridos. Nas linhas mais encarniçadas de atiradores, via-se estas infelizes se aproximarem dos feridos, rasgarem suas saias em ataduras, para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa de seus cavalos e conduzi-los em meio à balas, para os hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combate e as pontas de suas lanças se salientavam nas laterais de seus regimentos.”

² Espaço destinado para o tratamento dos feridos e doentes em enfermarias improvisadas, segundo Dourado (2005, p. 87).

Mas o que era esquecido é que tais mulheres eram mães com seus filhos, esposas, prostitutas, vivandeiras, entre outras. Tais mulheres eram negligenciadas pela historiografia brasileira, por ter somente escritores que constroem seu discurso histórico memorialista exaltando esses homens como heróis e silenciando as mulheres.

No ataque paraguaio ao Forte Coimbra em 1864, cerca de setenta mulheres, a maioria delas esposas de militares fabricaram 3500 balas de fuzil, rasgando pedaços de roupa para adaptar as balas aos cartuchos com calibre maior (DOURADO, 2005, p.25).

Já nos momentos mais críticos da guerra, bem como em suas fases finais, as mulheres e as crianças sofriam cada vez mais. Eram tidas como reféns da fome. Os homens recebiam uma pequena quantidade de ração por dia, enquanto as mulheres e seus filhos nada recebiam. Segundo Dourado (2005), no Paraguai, as mulheres: residentes e destinadas³ tiveram o papel de reconstruir nacionalmente o Paraguai, uma vez que a população masculina foi dizimada na guerra. Já o Brasil, venceu a guerra, mas sua situação econômica não melhorou no pós-guerra., pois a escravidão continuou a crescer e os soldados negros embora livres, continuavam se marginalizando e sofrendo.

Em fim, a vida dessas mulheres tanto brasileiras quanto paraguaias foram marcadas pela miséria, dor, fome, medo, entre outros sentimentos que a guerra trouxe, bem como a violência, a dor da perda, traumas e sobretudo a morte. Em *Cunhataí*, narrativa histórico-ficcional, não é diferente, afinal é uma narrativa ágil, que busca retratar a guerra do Paraguai. Ressaltamos que a mescla entre personagens históricos e ficcionais é função do romance histórico, gênero aqui discutido, tendo como protagonista uma jovem aventureira, que vai à guerra a fim de descobrir e conhecer seu esposo. Vai de sinhazinha à curandeira, e sempre busca ajudar os integrantes da tropa brasileira. É relevante apontar, que a figura de Micaela exerce um papel principal em um gênero que sempre se transforma. Está em posição de heroína, porém notamos que ela, mesmo sendo mulher, está representada com características masculinizadas, isto é, abandona seu lar, vai à guerra e se veste como soldado. Não somente é representada Micaela como figura feminina, mas também existem outras mulheres como viúvas, prostitutas e vendedoras de utensílios. Por fim, Maria Filomena nos dá a oportunidade de revisitar a guerra, esta

³ Segundo Dourado (2005, p. 29-35) eram duas categorias de mulheres paraguaias condenadas ao êxodo. As destinadas eram parentes de réus políticos, desertores e traidores da pátria, castigadas e obrigadas a marchar pelo interior do país por pertencerem a famílias de conspiradores. A destinada mais conhecida foi Pancha Garmendia. Já as residentes são mulheres heroicas, cujos parentes estavam em bons termos com Lopes e que seguiam o exército, tal como um rei que arrastava seus súditos fiéis em seu êxodo.

considerada tão esquecida pela sua nação, por uma ótica diferente, retirando as mulheres do silêncio que a historiografia oficial brasileira as colocaram.

Considerações finais

“*Cunhataí*”: um romance da Guerra do Paraguai” é um texto da literatura regional, escrito por Maria Filomena Boussiu Lepecki, que ao descobrir que seu tataravô pertenceu ao exército brasileiro enquanto conflito, sendo o inventor da vacina contra varíola, uma das pestes temidas por todos, iniciou uma expedição de 224 quilômetros, aproximadamente 30 por dia para então recolher informações sobre a guerra do Paraguai. Assim, a cada lugar que passava, sua criatividade era impulsionada para então criar *Cunhataí*. Romance ficcional, que segundo Walter Scott, inicialmente, estudioso do assunto, dizia que o romance histórico teria que haver personagens ficcionais fixos em uma determinadas época e que, também teria que apresentar um trama problemático, sendo na maioria das vezes um romance com desenlace trágico.

Outros pesquisadores continuaram a desenvolver estudos sobre esse gênero que desde de suas origens está em transformação e, hoje temos, o que, segundo Hutcheon (1991) nomeia como metaficção historiográfica, pois há nele um trama autorreflexivo, pois em seu conteúdo, direcionado a um leitor crítico, nos faz pensar sobre possibilidades em escrituras oficiais historiográficas, que por sua vez, tiveram a figura do homem como escritor e pesquisador, e quiçá o realiza para mostrá-lo como figura máxima.

A figura feminina, em relação a historiografia é omitida, principalmente no que diz respeito a guerra, pois eram consideradas sem importância, o que difere da obra *Cunhataí*. Logo, buscou-se em um romance histórico, cujo pano de fundo é o conflito bélico, dar voz às figuras femininas. Colocando-as em evidência, principalmente em sua protagonista, Micaela, uma jovem, aventureira, que casa-se com Ângelo, um brasileiro naturalizado paraguaio. Utiliza sua astúcia e casa-se com Micaela por interesse, pois a seu lado ficaria mais fácil de levar notícias a Solano Lopes. No entanto temos uma aventureira, que abandona a aristocracia e que vai para a guerra com a intenção inicialmente de conhecer melhor seu esposo, mas que acaba tornando curandeira para ajudar sua tropa. Não somente resgata a figura feminina omitida, como também enfoca um tema que é considerado como esquecido ou tão pouco falado, que é a Guerra do Paraguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert Ltda, 1948.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2005.
- DORATIOTO, F. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- FREITAS, Maria Teresa de. *Romance e História*. Uniletras Ponta Grossa, n.11, dez. 1989.
- FERREIRA, Antonio Sérgio. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro:Imago,1991.
- LEPECKI, Maria Filomena Bouissou. Cunhataí: Um romance da Guerra do Paraguai. São Paulo: Ed. Talento, 2003.
- NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O uso da linguagem literária no ensino da história: cordel, Natal – RN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371264900_ARQUIVO_Trabalho_XXVIISNH-MarianedeJesusNascimento.pdf> Acesso: 24 de junho de 2017.
- PRADO, Patrícia Martins Alves do. História e literatura: um diálogo possível. Territorial caderno eletrônico de textos, maio, 2012. Disponível em: <<http://www.cadernoterritorial.com/news/historia-e-literatura-um-dialogo-possivel-patricia-martins-alves-do-prado/>> Acesso em: 24 de junho de 2017.
- SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.